

# “VIOLÊNCIA NA ESCOLA: PRESENTE! MAPEAMENTO DA VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE MONTES CLAROS-MG”

GT 24 – Violência, Democracia e Segurança. Defesa e promoção de direitos.

BRAGA, Maria Ângela Figueiredo<sup>1</sup>  
MARTINS, Sheyla Borges<sup>2</sup>  
SILVA, Geusiani Pereira<sup>3</sup>

## RESUMO:

Este artigo situa o fenômeno do Bullying no âmbito escolar tendo como referência sócio-espacial, as escolas da rede municipal de Montes Claros/MG. Origina-se de um processo de investigação mais amplo, de caráter quantitativo e qualitativo, cuja iniciativa é do Grupo de Estudos e Pesquisas GMVC, cadastrado e certificado pelo CNPq, e vinculado ao DPCS/ UNIMONTES. Ao considerar que as violências escolares vêm se conformando como um problema inquietante, a partir do momento em que atinge as relações sociais entre alunos, entre alunos e escolas e toda uma comunidade envolvida com esse fenômeno, tornam-se esse estudo de fundamental importância para o conhecimento desse fenômeno, sobre suas nuances e manifestações, bem como sobre suas possíveis causas e efeitos junto à comunidade escolar.

**Palavras – Chave:** Violências; Bullying; escolas.

## INTRODUÇÃO

Muitos alunos, senão a maioria tem sido intimidados em algum momento de sua carreira escolar, vítimas do que se convencionou chamar de “bullying”. Essa questão, por sua vez, se relaciona com as preocupações contemporâneas sobre as múltiplas violências ocorridas no espaço escolar que, certamente, também se interagem com a garantia da segurança dos alunos.

Sendo assim, mais do que qualquer outro problema de segurança escolar, o bullying afeta alunos de todas as faixas etárias e também dos dois sexos, sendo, portanto, atualmente, um problema generalizado, mesmo que ainda seja subnotificado. Ao contrário do que se pensa, o assédio moral ocorre com considerável frequência, não podendo mais ser admitido como comportamento relativamente inofensivo, já que é reconhecido como um problema que apresenta efeitos de longa duração e nocivos para todos os envolvidos.

Pesquisas internacionais e nacionais apontam que, sem intervenção, os praticantes do bullying são mais propensos a desenvolver registros criminais e as vítimas mais propensas a sofrerem danos psicológicos a longo prazo. (ABRAMOVAY, 2003). A violência nas escolas, desta forma, é um

---

<sup>1</sup> Cientista Social. Doutora em Sociologia pela UFMG. Professora e Pesquisadora do Departamento de Ciências Sociais da UNIMONTES. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Violências e Criminalidade. [angela.shakti@yahoo.com.br](mailto:angela.shakti@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Cientista Social. Mestre em Desenvolvimento Social pela UNIMONTES. Professora e Pesquisadora do Departamento de Ciências Sociais da UNIMONTES. Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Violências e Criminalidade. Email: [sheylavida2000@yahoo.com.br](mailto:sheylavida2000@yahoo.com.br)

<sup>3</sup> Assistente Social. Mestre em Desenvolvimento Social/UNIMONTES. Professora e Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Violências e Criminalidade – DPCS/UNIMONTES. E-mail: [geusisocial@yahoo.com.br](mailto:geusisocial@yahoo.com.br)

problema inquietante porque alcança diretamente não só os atores envolvidos, como também colabora para a quebra da concepção e percepção da escola como lugar de conhecimento, de formação do ser e da educação, como meio por excelência de aprendizagem, de socialização em ética e da comunicação por diálogo.

Considerando que não existe, no âmbito das instituições da rede municipal de ensino de Montes Claros/MG, nenhuma investigação com tamanha complexidade e abrangência sobre o fenômeno em questão, iniciou-se um processo de estudo entre o segundo semestre de 2010 e em 2012. Várias reuniões foram realizadas com os gestores municipais; técnicos, educadores e pesquisadores. Não obstante, foram aplicados questionários em todas as escolas da rede municipal de ensino dessa cidade. O público alvo foi constituído mediante a subdivisão de alguns segmentos: alunos do 6º ao 9º ano; docentes; funcionários/auxiliares de serviços gerais.

O mapeamento acerca do Bullying escolar permitiu descrever o público relacionado e ainda perceber quais as suas principais formas de manifestação, além de alguns fatos curiosos que põe em voga as concepções primárias acerca desse fenômeno violento.

### **Compreensões gerais sobre o fenômeno estudado**

A educação, materializada na escola tem uma história, e nela é visivelmente percebido o espaço que a instituição ocupa em nossa sociedade. Podemos dizer que o sentido da educação e o significado do papel que é conferido a ela pode ser traduzido dessa maneira: “a escola é, na maioria das vezes, vista como a instituição que construirá a democracia, potencializará os talentos existentes – a escola é promotora de justiça” (Schilling, 2004, p. 61).

Outros autores, como Durkheim (1967), no que tange a perspectiva sociológica com tema, coloca as bases para pensarmos a educação e o papel das escolas na sociedade. Para ele a escola seria uma instituição social básica, com papel fundamental na reprodução da homogeneidade (a garantia de uma base ideológica comum) e da heterogeneidade (a garantia de que as forças que alimentarão as diferenças criadas pela divisão do trabalho serão recriadas).

Sua relação com a sociedade é a de perpetuar as formas sociais vigentes em cada época; sua relação com as formas dominantes do trabalho é direta: preparar (no caso da nossa modernidade) para a divisão do trabalho, para a especialização requerida pela produção industrial. A educação é, acima de tudo, o meio pelo qual a sociedade renova perpetuamente as condições de sua própria existência (DURKHEIM, 1972, apud SCHILLING, 2004, p. 63).

Deste modo, para Durkheim (1967), o papel da escola é eternizar e fortalecer “similitudes essenciais” da vida coletiva. Concomitante, essa mesma sociedade solicita heterogeneidade, em virtude da força da divisão do trabalho; a educação assevera a constância dessa diversidade necessária, diferenciando-se ela própria, e permitindo especializações. Isso, teoricamente, se daria sem violência ou guerra de classes, uma vez que essa diversidade apenas refletiria aptidões naturais: segundo nossas aptidões, teríamos diferentes funções a preencher.

Entretanto, ela também é vista como instituição que reproduz as desigualdades sociais. Da visão da escola como a instrumento para a socialização e instrução, meio de uma democracia com base no mérito, passa-se para a visão da escola a serviço do *status quo*, puro mecanismo de reprodução da divisão do trabalho. Essa perspectiva da educação como colonização, domesticação, baliza o fim do otimismo pedagógico e a escola passa a ser vista como um lugar de silenciamento cultural, de “colonização” e de “apagamento do outro”. Para Schilling (2004), a escola é analisada como o local da afirmação das desigualdades sociais, das desigualdades de gênero e raça, da produção da pobreza e da exclusão, tendo, desta forma, sua cota de violências socioeconômicas.

Assim, as perspectivas sugerem uma dupla concepção de escola e educação e de seus respectivos papéis. Se ela compreende sempre algum grau de colonização, uma vez que é uma instituição fundamental na história civilizadora da modernidade na medida em que “... se diz

democrática, mas não o é; diz que prepara para a vida, mas não o faz; é lugar do novo, mas propaga o velho.” (GUIMARÃES, 1996, p.25), é também o lugar da superação das desigualdades sociais, da construção da democracia e dos direitos humanos. O papel da educação compõe o escopo no qual o conceito de violência escolar é introduzido.

### **O conceito de Violência Escolar**

Guimarães (1996, p.25), faz uma análise da violência escolar e relata que tanto pobres quanto ricos cometem atos violentos, porém “cada classe social faz uma apropriação diferente dessas ações”. Segundo a autora, existem os que são vândalos, e, por exemplo, depredam prédios públicos por simples diversão e existem os que quebram por não sentirem o público como algo que lhes pertença.

Outros autores como Debarbieux (1996) pontua que o conceito de violência escolar vem cedendo lugar a mudanças relevantes, tanto no aspecto do que é considerado violência, como sob o olhar sobre o qual o tema é abordado. De análises em que o destaque incidisse sobre a violência do sistema escolar, sobretudo por parte dos professores contra alunos, os estudos passaram a destacar a análise da violência entre alunos ou desses contra a propriedade e, ainda, de alunos contra professores e de professores contra alunos.

Abramovay (2004) chama atenção para o fato de que os termos usados para indicar a violência variam de acordo com o país. Nos Estados Unidos, por exemplo, várias pesquisas sobre violência na escola recorrem ao termo delinquência juvenil (HAYDEN e BLAYA, 2001 apud ABRAMOVAY, 2004, p. 72); na Inglaterra esse enfoque é pouco usual. Para a literatura inglesa, o termo violência na escola só teria sentido ser empregado no caso de conflito entre estudantes e professores (CURSIO e FIRST, 1993; STEINBERG, 1991; FLANNERY, 1997 apud ABRAMOVAY, 2004, p. 72); ou quando as atividades que causem suspensão, atos disciplinares e prisão.

Podemos dizer que a violência escolar tem abundantes causas e conseqüências, e o papel de uma análise sociológica é conhecer e se questionar sobre as categorizações de um dado problema social. Bernard Charlot (1997) aponta a grande dificuldade em definir violência escolar não simplesmente porque esta direciona aos fenômenos heterogêneos, difíceis de delimitar e de ordenar, mas também “porque desestrutura as representações sociais que têm valor fundador: aquela da infância (inocência), a da escola (refúgio de paz) e a da própria sociedade (pacificada no regime democrático).” (BERNARD CHARLOT, 1997, p.01, apud ABRAMOVAY, 2004, p. 69).

A literatura nacional procura depurar o conceito de violência considerando a população-alvo - os jovens - e o lugar social da instituição objeto - a escola. A grande maioria dos autores brasileiros (SCHILLING, 2004; ARAÚJO, 2000; COSTA, 1993; ZALUAR, 1992; GUIMARÃES, 1990) leva em conta não apenas a violência física, mas compreender o acento na ética e na política e a preocupação em dar visibilidade às “violências simbólicas”.

Podemos dizer que até certo ponto, há uma concordância da literatura nacional e internacional, quanto ao fato de que não só a violência física faz jus à atenção, já que outros tipos podem ser tão traumáticos e graves, sendo indicado escutar as vítimas e a comunidade acadêmica, para construir noções sobre violência mais afins com as realidades experimentadas e os sentidos percebidos pelos envolvidos (BUDD, 1999, apud HAYDEN e BLAYA, 2001, apud ABRAMOVAY, 2004, p. 73).

Sobre as pesquisas realizadas no Brasil, Sposito (2001) assegura que, “apesar de incipiente, a produção já traça um quadro importante do fenômeno, mostrando as principais modalidades: ações contra o patrimônio e formas de agressão interpessoal, sobretudo entre os alunos”. (SPOSITO, 2001, p.87). Dentro dessas modalidades foram desenvolvidos, pelo menos, três enfoques principais: a) a violência, resultado de práticas escolares inadequadas; b) o estudo da dinâmica de funcionamento das escolas situadas em áreas sob a influência do tráfico de drogas ou do crime organizado; c) a busca do entendimento do comportamento dos alunos como uma forma de

sociabilidade marcada pelas agressões e pequenos delitos, caracterizada como incivildade, que se origina na crise do processo civilizatório da sociedade contemporânea. (SPOSITO, 2001, p.87).

Ainda Sposito, (2001), nos aponta estudos que pontuam as características dos anos 80 que são voltados para o autoritarismo das escolas (como o de GUIMARÃES, 1984), o que provocaria um ambiente escolar “pesado” e com pouca participação dos alunos nas “coisas” da escola. Nos anos 90 a inquietação com questões voltadas à segurança pública dos grandes centros urbana atinge os estudos sobre a violência escolar. Com isso, aumentam o número de estudos (GUIMARÃES, 1998; PINTO, 1992; AQUINO 1996; BARRETO, 1992; GUEDES, 1999; ZALUAR, 1994; CANDAU, 1999 E PERALVA, 2000) que vinculam a violência do bairro e/ou região onde a escola está situada com a própria violência escolar.

No entanto, o quadro de ausência de segurança e o incremento da criminalidade urbana por si só não traduzem a complexidade do fenômeno da violência em meio escolar. Assim, esses estudos reforçam a presença de formas violentas direcionadas contra a escola, principalmente agressões contra o patrimônio. E apontam também, estudos mais recentes (SPOSITO, 2001; CHARLOT, 1997; PERALVA, 1997), para um padrão de sociabilidade entre os alunos marcados por práticas violentas ou incivildades que atingem não só as escolas públicas, como as escolas particulares destinadas às elites. Essa preocupação com o estudo da violência no ambiente interno a escola, seria o enfoque que mais se aproxima deste estudo, lembrando que, não serão negligenciados os fatores externos que também podem influenciar na compreensão desse fenômeno.

### **A especificidade do Bullying**

O Bullying é caracterizado por dois fatores principais: atos prejudiciais repetidos e um desequilíbrio de poder. Trata-se de repetir física, verbal ou psicologicamente ataques ou intimidações contra uma vítima que não pode se defender adequadamente por causa do tamanho ou força, ou porque está em desvantagem psicologicamente. Isso inclui demanda por dinheiro, tropeços, rumores, isolamentos, destruição de propriedade, roubo de bens, destruição de trabalhos escolares, xingamentos. Vários outros comportamentos também são reconhecidos como formas de bullying, como: assédio sexual (por exemplo, o exibicionismo repetido, voyeurismo, abuso sexual envolvendo contato físico indesejado), ostracismo com base na orientação sexual percebida e trote (rituais de iniciação embaraçosos em novos colegas).

Esses problemas relacionados ao Bullying nas escolas requerem análise e respostas próprias. Esta pesquisa abordará diferentes faces do problema:

- Intimidação dos professores por alunos;
- Bullying como meio de conquistar jovens para formação de gangues e cometimento de crimes

### **Pesquisas sobre o bullying**

De acordo com os estudos realizados identificou-se o bullying como sendo um termo originário de uma palavra inglesa, que foi adotada por diversos países, para conceituar alguns comportamentos agressivos e anti-sociais. A pesquisa sobre bullying iniciou-se na Europa, na década de 1970, a partir dos trabalhos de Dan Olweus<sup>4</sup> na Universidade de Bergen – Noruega (1978 a 1993) que, ao pesquisar o suicídio entre adolescentes descobriu que muitos deles eram vítimas de algum tipo de violência (física ou psicológica).

---

<sup>4</sup> OLWEUS, D. *Aggression in the schools: bullies and whipping boys*. Washington: Hemisphere, 1978.

\_\_\_\_\_. *Bullying at school: what we know and what we can do*. Oxford: Blackwell, 1993.

Antes, porém, uma ressalva: que fique claro, desde já, que apesar de se empregar a palavra bullying há pouco tempo, este é um fenômeno antigo, corriqueiro e latente, basta observarmos que situações de desrespeitos e intimidação sempre existiram, em diversos contextos, não se restringindo apenas ao contexto escolar.

Autores brasileiros, como Fante e Pedra<sup>5</sup> (2008, p. 34 apud OLIVEIRA, 2010, p. 01) sistematiza o conhecimento acerca do Bullying a partir da relação dual, entre pares, de violação, intimidação. Nesse contexto, se destacam a figura do Bully e o da vítima. Particularmente o Bully,

(...) pode ser traduzido como valentão, tirano, brigão. Como verbo, bully, significa tyrannizar, amedrontar, brutalizar, oprimir, e o substantivo bullying descreve o conjunto de atos de violência física ou psicológica, intencionais e repetidos, praticados por um indivíduo (bully) ou grupo de indivíduos com o objetivo de intimidar ou agredir outro indivíduo (ou grupo de indivíduos) incapaz de se defender.

Com isso, identifica-se o Bully como autor do Bullying. Por sua vez, este acaba sendo compreendido a partir dos comportamentos que tipificam as próprias ações que configuram o fenômeno, tais como apelidar, ofender, zoar, gozar, encarnar, sacanear, humilhar, fazer sofrer, discriminar, excluir, isolar, ignorar, intimidar, assediar, aterrorizar, amedrontar, perseguir, tyrannizar, dominar, agredir, bater, chutar, empurrar, ferir, roubar e quebrar pertences. Vale salientar que todos os casos referem-se a ocorrências de atos repetitivos e duradouros de natureza humilhante e vexatória, caracterizadas por relações desumanas e autoritárias, nas quais a vítima é constantemente hostilizada e ridicularizada perante os colegas, isolada do grupo e exposta a efeitos maléficos. Pode ser cometida tanto por um indivíduo quanto por um grupo. (ABRÁPIA, 2006, LOPES NETO, 2005, FANTE, 2005, ANTUNES e ZUIN, 2008, ALMEIDA e QUEDA, 2007, MARTINS, 2005, PALÁCIOS e REGO, 2006, SMITH, 2002 apud OLIVEIRA, 2010, p. 02).

Uma das principais especialistas brasileiras sobre o assunto, a Cléo Fante (2005) caracteriza o bullying como um desejo inconsciente e deliberado de maltratar outra pessoa, colocando-a sob tensão. A autora explica que este desejo conduz o indivíduo a manifestar comportamentos hostis e cruéis, tornando-os intrínsecos às relações interpessoais, nas quais indivíduos mais fortes divertem-se com indivíduos mais fracos, através de brincadeiras que camuflariam a real intenção de intimidar e maltratar. Nas palavras da autora:

Por definição universal, bullying é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro (s), causando dor, angústia e sofrimento. Insultos e intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do comportamento bullying. (FANTE, 2005, p. 28-29)

Por conta de seus agravos e efeitos é que vários projetos de Lei estão sendo criados e submetidos à apreciação das Câmaras Legislativas em todo o País. Exemplo disso é a Lei de nº 14.651/09, já aprovada em estados e cidades como Santa Catarina, em seu primeiro artigo, caracteriza o bullying como atitudes agressivas, repetitivas, cometidas pelo bully (indivíduo ou grupo de indivíduos)

---

<sup>5</sup> FANTE, Cleo; PEDRA, José Augusto. *Bullying escolar: perguntas e respostas*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

em detrimento de outras pessoas, sem motivo aparente, causando dor, angústia, por meio de intimidação, humilhação e discriminação. O bullying, amparado no art. 3, pode ser classificado de acordo com as ações praticadas verbalmente (apelidar, xingar, insultar), moralmente (difamar, disseminar rumores, caluniar), sexualmente (assediar, induzir ou abusar), psicologicamente (ignorar, excluir, perseguir, amedrontar, aterrorizar, intimidar, dominar, tyrannizar, chatear e manipular), materialmente (destróçar, estragar, furtar, roubar os pertences), fisicamente (empurrar, socar, chutar, beliscar, bater) e virtualmente (divulgar imagens, criar comunidades, enviar mensagens, invadir a privacidade).

Os envolvidos no bullying desempenham papéis distintos: vítima/alvo – passivas, agressivas, provocadoras, e vítimas que também intimidam outros; autor/agressor/intimidador – líderes ou seguidores; e expectador/testemunha ou não participantes são aqueles que reforçam a intimidação, os que participam ativamente dela e que poderiam entrar na categoria de intimidadores seguidores, aqueles que apenas assistem, e os que defendem o colega ou buscam por ajuda. Cabe ressaltar, contudo, que estes papéis nem sempre são rígidos, por isso um mesmo indivíduo pode transitar entre eles, apesar de, normalmente, os agressores tradicionais não encontrarem-se no papel de vítimas (FANTE, 2005; LOPES NETO, 2005, MARTINS, 2005, SMITH, 2002 apud OLIVEIRA, 2010, p. 02).

Os praticantes do bullying são conhecidos como autores agressores/intimidadores (FANTE, 2003, 2005; LOPES NETO, 2005 apud OLIVEIRA, 2010, p. 02), e “[...] se valem de sua força física ou habilidade psicoemocional para aterrorizar os mais fracos e indefesos. São prepotentes, arrogantes e estão sempre metidos em confusões e desentendimentos” (FANTE; PEDRA, 2008, p. 60 apud OLIVEIRA, 2010, p. 03). Várias são as suas possíveis causas, por isso é que é preciso conhecê-las e identificá-las para o seu qualitativo enfrentamento.

Sem sombra de dúvidas, a escola tem papel fundamental na redução da violência, por meio de ações e programas preventivos, em parceria com as famílias dos alunos e os diversos atores sociais, para garantir a sua eficácia. Por isso, é fundamental que em cada escola se constitua uma comissão ou equipe que possa articular políticas preventivas e capacitar seus profissionais para atuar de forma segura, sem correr riscos desnecessários (FANTE; PEDRA, 2008 apud OLIVEIRA, 2010, p. 06).

### **Alguns dados nacionais sobre o Bullying<sup>6</sup>**

Estudos realizados, a partir da aplicação de questionários junto a 11 escolas públicas e 02 particulares do Brasil, com o apoio financeiro da Petrobras e em parceria com o IBGE (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística) e a Secretaria de Educação do Município do Rio de Janeiro, a ABRAPIA, no período de novembro e dezembro de 2002 e março de 2003, sinalizaram o que a campanha intitulada “Diga não ao Bullying” representou frente à discussão do problema mencionado.

Frente aos estudos realizados identificaram-se algumas pesquisas realizadas em âmbito nacional e local sobre o assunto. A primeira, promovida pelos estudiosos da Revista Nova Escola, sinalizou:

Pesquisa realizada em 2008 em seis estados brasileiros apontou que 70% de 12 mil alunos consultados afirmaram ter sido vítimas de violência escolar. Entre as formas mais comuns, está o bullying, comportamento que inclui atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro

<sup>6</sup> Dados obtidos a partir de pesquisa bibliográfica realizada junto aos sites. Para maiores informações consultar <[http://www.observatoriodainfancia..php3/id\\_rubrique=82](http://www.observatoriodainfancia..php3/id_rubrique=82)>

Esses resultados certamente vão ao encontro de todo o enunciado. Revelam ainda que considerável número de alunos já foram vítimas do bullying, o que sinaliza que esse fenômeno é problema social é mais recorrente do que se imagina.

Frente às questões apresentadas, no anexo desse trabalho, também constam outros dados e informações que serão analisadas, com maior intensidade, ao longo do término desse trabalho.

### **O Estudo da violência nas escolas em Montes Claros-MG**

Com o intuito de conhecer e compreender melhor o problema do Bullying escolar é que o Grupo de Estudos e Pesquisas em Metodologia, Violência e Criminalidade-GMVC, cadastrado e certificado pelo diretório de grupos de pesquisa do CNPQ, e vinculado ao departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Montes Claros se mobilizou, por meio de seus pesquisadores, ao estudo sobre as violências em âmbito escolar, particularmente do Bullying.

Para tanto foram realizados vários encontros com pesquisadores e profissionais no sentido de conhecer melhor esse problema, bem como identificá-los em vários contextos existentes. Esse processo fundamentou inclusive a escolha de outros colaboradores para a realização desse trabalho: uns com o intuito de compreender como o fenômeno se manifesta; outros interessados em subsidiar futuros trabalhos de conclusão de cursos; e outros pela obtenção da experiência com pesquisas de campo e aquelas relacionadas às atividades extra acadêmicas.

O trabalho de campo foi realizado nas 14 escolas municipais de ensino fundamental da zona urbana do município de Montes Claros, em que foram entrevistados 1194 alunos, sendo 312 do sexto ano, 307 do sétimo, 299 do oitavo e 276 alunos do nono ano. Nessa dimensão, foram aplicados questionários com questões relativas à incidência de atos de intimidação, agressão ou assédio nas escolas. O procedimento amostral utilizado foi a amostragem por conglomerado, em que, após a listagem de todas as turmas de ensino fundamental, uma de cada série foi sorteada aleatoriamente, contando com a participação de todos os alunos de cada turma. Em outro momento, foram entrevistados 108 professores dessas escolas, com aplicação de questionários relativos à percepção dos mesmos quanto às ocorrências. Nesse caso, não foram utilizados procedimentos amostrais, já que, a intenção era conhecer a percepção do maior número possível de professores, de modo que, todos os que concordaram com a pesquisa, participaram.

O universo de alunos pesquisados foi representado por 588 homens e 606 mulheres, com idade variando entre 11 e 18 anos. Deste total, apenas 6,4% afirma nunca ter ouvido falar sobre bullying. Quando perguntados se já haviam sofrido algum tipo de agressão, assédio ou intimidação, 31% diz que sim, conforme mostra o gráfico 1.

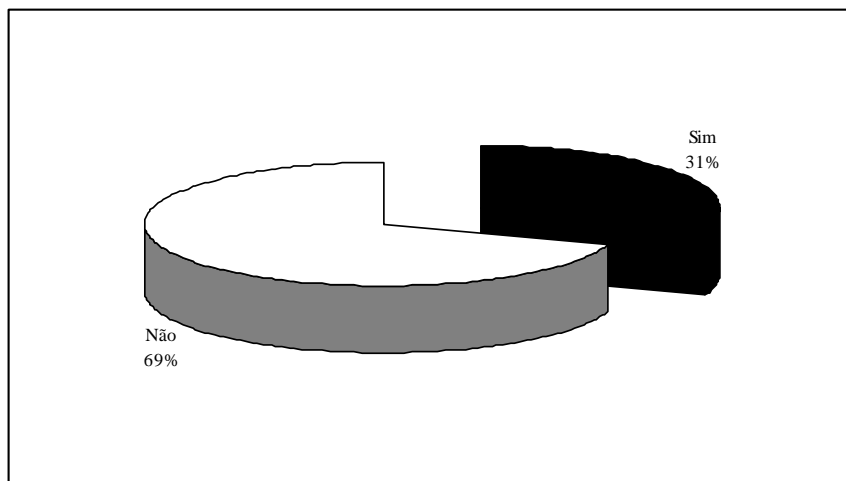


GRÁFICO 1 – Percentual de alunos que já sofreram algum tipo de agressão, assédio ou intimidação.

Fonte: Coleta direta – Montes Claros/2012.

Entre os que já sofreram, a maioria diz que o autor é do sexo masculino, 42%. Em 22,7% as intimidações foram praticadas tanto por homens quanto por mulheres, e em 22,7% dos casos foram praticados apenas por mulheres.

Com relação à frequência com que esses atos acontecem, conforme mostra a tabela 1, 26,7 dos alunos disseram que os atos aconteceram apenas uma ou poucas vezes. Em 11,4 % dos casos, as intimidações ocorreram no caminho para a escola, 7,2% nos banheiros, 20,2 na sala de aula e 16,4 no pátio da escola.

TABELA 1

Frequência com que as agressões, intimidações ou assédios acontecem

	Frequência	Percentual
Nunca	774	64,8
Apenas uma vez	159	13,3
Poucas vezes	160	13,4
Diversas vezes	54	4,5
Quase todos os dias	32	2,7
Várias vezes ao dia	15	1,3
Total	1194	100

Fonte: Coleta direta – Montes Claros/MG

Quanto à prática do bullying, 23,6% dos alunos diz já ter praticado atos que enquadram nesse tipo de violência, sendo que a grande maioria, ou seja, 62,1% praticaram tais atos pela primeira vez quando tinham de 12 a 15 anos, idade que compreende as séries do ensino fundamental, principalmente entre o 6º e 9º anos.

A reação dos alunos diante dos atos de bullying também foi levantada no sentido de saber o que eles fazem quando presenciam as intimidações. A grande maioria, 42% daqueles que já presenciaram afirmam que não fizeram nada, sendo que, em 4,3% dos casos o expectador ajudou a intimidar ou agredir, enquanto 24,1% se dispôs a ajudar o colega agredido, como mostra o gráfico 2.



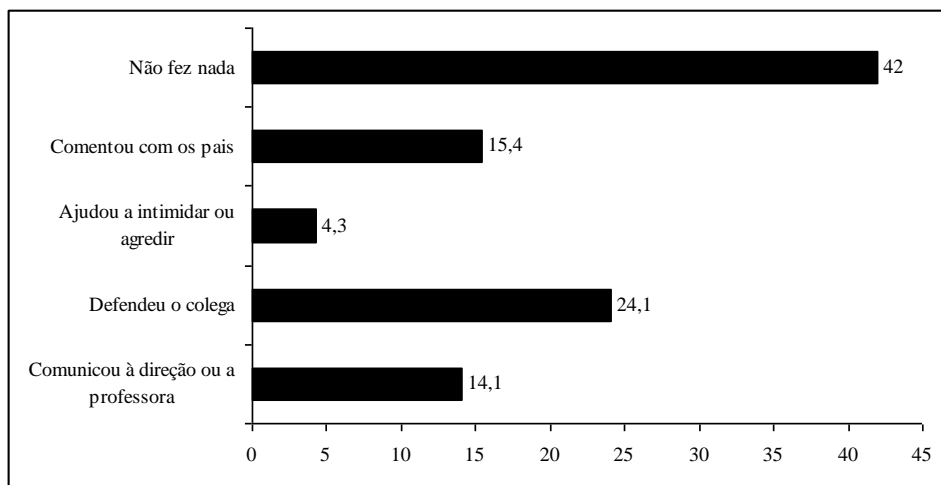


GRÁFICO 2 – Reação dos alunos quando presenciaram algum tipo de agressão, assédio ou intimidação.

Fonte: Coleta direta – Montes Claros/2012.

Buscando averiguar com mais precisão a ocorrência de atos relacionados ao bullying, foram especificadas algumas categorias de intimidações, agressões ou assédio. Nesse sentido, buscou-se, principalmente, captar atos que os alunos poderiam não considerar no momento de sua resposta sobre tais ocorrências e os dados mostram, de acordo com o gráfico 3, que essas incidências são mais relevantes quando se trata, por exemplo, de levantar o percentual de alunos que já foram xingados, 68,2%, ou receberam apelidos, 45,7%, por exemplo.

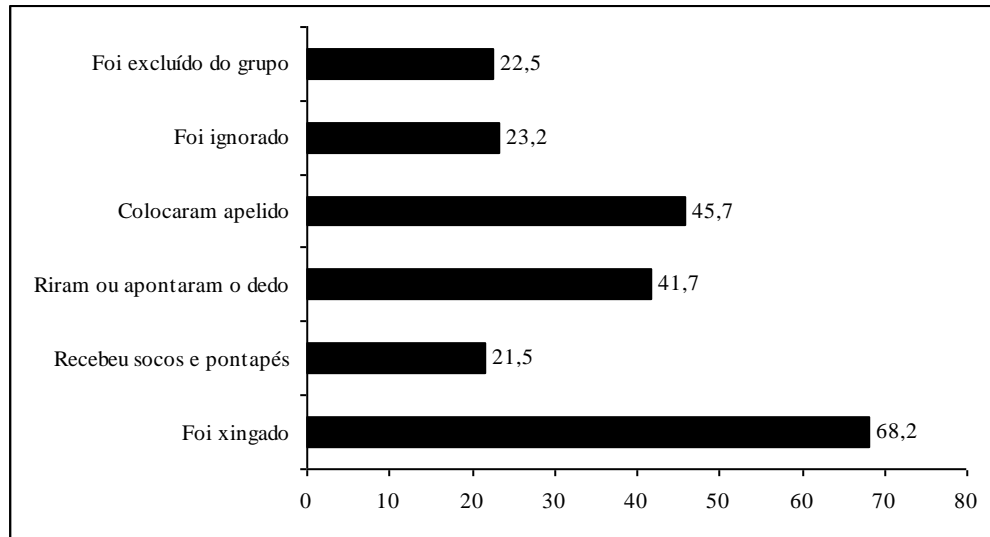


GRÁFICO 3 – Percentual de alunos segundo atos sofridos

Fonte: Coleta direta – Montes Claros/2012.

Sobre o levantamento realizado com os professores, é possível verificar uma realidade relativamente diversa daquela apresentada pelos alunos, principalmente quando consideramos que 88,9% dos professores afirmaram que em suas salas de aula já aconteceram atos relacionados ao bullying, ainda que 19,4% deles afirmem que discordam totalmente que seja fácil identificar as vítimas e 11,1% discordam que seja fácil identificar o agressor.

De acordo com a percepção dos professores, os alunos homens, 93,5%, são aqueles que mais praticam tais atos, sendo, também os principais alvos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cotidiano escolar tem sido marcado por todo tipo de atitudes chamadas de violentas. Desde uma simples agressão verbal a um colega ou professor, passando pela depredação do prédio público, culminando muitas vezes em casos de assassinato de aluno ou professor.

Partimos do pressuposto de que a maioria dos alunos não denuncia o assédio moral. Vítimas e testemunhas não dizem o que acontecem aos professores nem aos pais. Por essa razão, professores e a escola como um todo podem subestimar a extensão do bullying na escola, sendo capazes de identificar apenas uma parte dos reais agressores. A falta de denuncia se inscreve sob fatores relacionados ao temor à represálias, sentimento de vergonha, temor de ser desacreditado, falta de confiança de que a situação pode mudar. Isso se aplica, certamente, às vítimas e às testemunhas.

A violência no cotidiano das escolas se reflete nas representações que os alunos fazem sobre a escola. Não raro, oferece significados contraditórios e distintos sobre seu papel. Dois lados distintos. Um, a escola é tida como um lugar para a aprendizagem, como caminho para uma inserção positiva no mercado de trabalho e na sociedade. Dois, a escola é tida por muitos alunos como um local de exclusão social, onde são reproduzidas situações de violência e discriminação (física, moral e simbólica).

Assim, mesmo estudando os comportamentos que envolvem a destruição e a força, não poderemos deixar de considerar, ao menos como referência, práticas mais sutis e cotidianas observadas na sala de aula que conduzem o racismo ou a intolerância e, até, os mecanismos relativos à violência presentes na relação pedagógica, já estudada por Bourdieu (BORDIEU e PASSERON, 1975).

Pode-se finalmente concluir que um estudo sobre a violência e a insegurança no meio escolar deveria considerar: i) os crimes e delitos tais quais os furtos, roubos, assaltos, extorsões, tráfico e consumo de drogas, etc. ii) as incivildades, sobretudo conforme definidas pelos atores sociais, e iii) sentimento de insegurança, ou, sobretudo aqui o que denominamos de “sentimento de violência” resultantes dos dois componentes precedentes, mas também oriundo de um componente mais geral nos diversos meios sociais de referência. (DEBARBIEUX, 1996,p. 42). Os relatos de violências cotidianas, para Abramovay (2004), também passam pelas incivildades – humilhações, palavras grosseiras, falta de respeito – pela violência verbal, pelas humilhações e pelas várias exclusões sociais vividas e experimentadas em nossa sociedade.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam et al. **Desafios e alternativas: violência nas escolas**. Anais do Seminário de Violência nas Escolas. Brasília: UNESCO, UNDP, 2003.

ABRAMOVAY, Miriam et al. **Violência nas Escolas**. Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Sena, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2004.

BOURDIEU e PASSERON. **A Reprodução**. Rio de Janeiro, Ed. Francisco Alves, 1975.

CHARLOT, Bernard; EMIN, Jean Claude (Coords). *Violence à école – état des savoirs*. Paris: Masson e Armand Colin editeurs, 1997. IN: ABRAMOVAY, Miriam et al. **Violência nas Escolas**. Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Sena, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2004.

DEBARBIEUX, Eric. **La violence em milieu scolaire: l'état des lieux**. Paris: ESF éditeur, 1996.

\_\_\_\_\_. **La violence em milieu scolaire: le d dordre des choses.** Paris: ESF  diteur, 1999.

DEBARBIEUX,  ric. **La violence   l' cole: approaches europ enes.** **Institute National de Recherche P dagogic.** In: Revue Française de Pédagogie, n  123, 1998.

GUIMARÃES,  urea Maria. **Escola e violência: relações entre vigilância, punição e depredação escolar** (dissertação). Campinas, Faculdade de Educação da PUC de Campinas, 1984.

GUIMARÃES,  urea Maria. **A depredação escolar e a dinâmica da violência** (tese). Campinas, Faculdade de Educação da UNICAMP, 1990.

PERALVA, A. **Democracia, violência e modernização por baixo.** Revista Lua Nova, São Paulo: Cedec, n. 40/41, 1997.

SPOSITO, Marília Pontes. **A instituição escolar e a violência.** IN: Cadernos de Pesquisa, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n  104, pp. 58-75, jul. 1998.

SPOSITO, Marília Pontes. **Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil.** In: Revista da Faculdade de Educação da USP – Educação e Pesquisa. São Paulo: USP, v:27, n  1, p.87-103. Jan/Jun 2001.

ZALUAR, Alba. **Violência e Educação.** São Paulo, Cortez, 1992.